



portfólio ***aila***
2026 ***silva***

aila silva (sp. 1987)

Artista da dança, curadora independente, diretora de arte e doutora em Estética e História da Arte (USP). Paulista, vive em Salvador desde 2024.

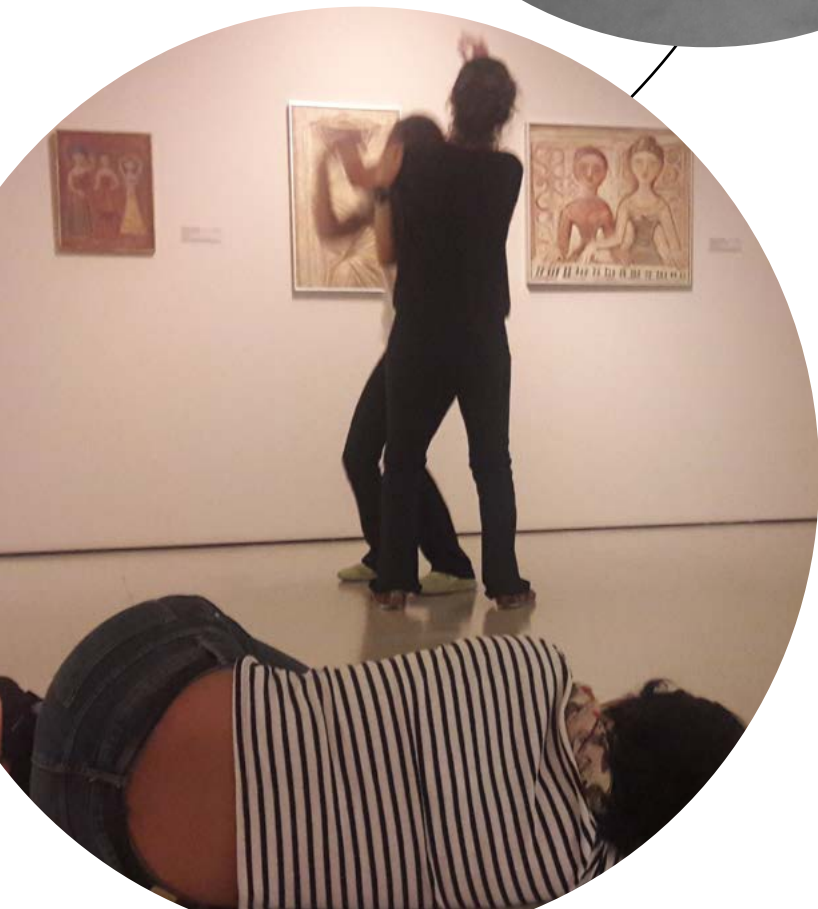
Sabe-se lá do que o corpo é capaz, por isso eu mergulho fundo para chegar nos limites. A dança me mostrou que o **movimento rege o caos e é ele quem ordena tudo**, eles não são opostos. É nessa ponte entre a performance de rua, as danças populares, a dança contemporânea que componho pesquisas que assumem seu sotaque.

Meu trabalho se desenrola através do **movimento como forma de investigação crítica**, esse percurso se entrelaça nas danças de tradição acadêmica, como o balé clássico e dança contemporânea (Escola de Dança da Cidade de São Paulo); realizei a formação em Danceability com o Núcleo de Dança Aberta e atuei como ginasta rítmica federada pela Confederação Brasileira de Ginástica no ano 2000. Também trouxe a pesquisa do movimento para dentro da universidade, valendo-me da improvisação em dança como forma de elaboração crítica e de mediação.

Produzir dança e curar exposições tornou-se, naturalmente, parte ativa de minha expressão artística, junto com a sua criação. Entre estes eventos se destacam: a formação do **Dançando no museu** (2016-26), no MAC-USP; a curadoria do **Arte: Situação Emergente** (SESC CPF, 2017), as criações em dança no Centro de Referência da Dança SP (**Memória entre raízes**, 2018) e o Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia – MuBE (**Batuque de criança**, 2014).

Movimentar espaços é tão necessário quanto ocupá-lo em cena, agrupar gente e construir narrativas que permitam **brotar o infinito do corpo** é parte fundamental da minha maneira de permanecer nos espaços.





Dançando no museu

MAC-USP, São Paulo, 2016-26

Idealização e direção. Mediação com dança.

Uma mediação que transforma as galerias em um laboratório de experimentação coletiva onde o gesto não ilustra a obra, mas a reinscreve no corpo.

O "Dançando no Museu" nasceu para dissolver a contemplação passiva com a obra de arte, para estabelecer vínculos cinéticos (e sinestésicos) com o acervo do MAC-USP. A metodologia aglutina comunidades diversas – de crianças a idosos, pessoas com e sem deficiência – sob a premissa de que o gesto é um dispositivo de habitação ativa do espaço museal.

A coordenação mobilizou ciclos de vivências performativas em múltiplas exposições utilizando técnicas de improviso de dança e de mediação, para facilitar o encontro entre participantes e obras. O projeto consolidou-se como campo de pesquisa sobre o "corpo-teia", resultando em artigos que investigam a dança como ferramenta de acessibilidade e inclusão radical no museu.

Em 2026 ele passa a fazer parte da formação educativa como curso de extensão.

Insonora

2026

Fotoperformance.

Insonora é algo que se tornou lâmina depois de uma performance. O rastro da performance de "A Alma", poesia de Milsoul Santos, deixou o rastro para o engano: *Insonora*.

Fotoperformance é, para a artista, a possibilidade de honrar a presença de algo que existiu manipulando para que o documento seja o engano da vida real.

É a mentira do que aconteceu, não seu oposto. O que se descobre depois de vendada. É aquilo que soçobra.



Performar os gestos do prazer

XII CIEHA | O presente do futuro *low tech*
São Paulo, 2024
Performance.

Conduzida pela artista da dança Aila Silva e pelo artista-educador João Carlos Teixeira, a performance teve o objetivo de estimular o prazer consigo mesmo através de gestos e imagens que habitam este imaginário, num diálogo intenso e sensível entre corpos, imagens e escrita em simbiose, acompanhados por ritmos musicais.

Escolhendo objetos *low tech*, como a máquina de escrever e o papel impresso, para evidenciar a tecnologia do corpo como motor de presença, a performance busca subverter o jogo dos dispositivos como protagonistas do cotidiano privilegiando o encontro físico para, assim, pensar sobre a relação tecnologia, corpo e representação.





Antídoto

Taipu de Fora, BA, 2021-2023.
Videoarte

[Clique > vídeos](#)

Série realizada na pandemia, improvisada, como Antídoto para um corpo encalacrado em três partes.

A videodança também marca a relação de diretora de arte da autora, buscando tensionar diferentes mídias nas proposições coreográficas.

Com música de Sarine, encaixadas pós-performance, as sequências evocam o silêncio, a ruptura e o sol do corpo - respectivamente.

XII CIEHA

XII Congresso Internacional do Programa de
Pós-Graduação Interunidades em Estética e
História da Arte
São Paulo, 2023
Co-curadoria e produção

Além da cocuradoria da edição, a realização da exposição "Emergências Transversais: Territórios e Perspectivas para a Arte" – homônima ao congresso – compreendeu a elaboração de texto crítico, a articulação de recursos e espaços, e o planejamento da convivência entre tecnologias e discursos. A atuação abrangeu a gestão integral do ciclo expositivo, desde a mediação da montagem e do registro documental até a desmontagem final da mostra.

O corpo expositivo reuniu uma pluralidade de artistas com obras em instalação, fotografia, vídeo, performance e escultura, composta por: Bianca Lana, Daniel Broggi Ciardullo, Irineu Nje'a Terena, Jeane Cooper, Mariana Muraoka Martin, Isabela Umbuzeiro Valent, Jayme Meneze e Nike Krepischi. As produções, em suas naturezas perenes ou efêmeras, estabeleceram zonas de fricção entre a metacriação, os corpos midiáticos, as poéticas insurgentes e os saberes ancestrais.



*Performance de
Nike Krepischi*



*Instalação de
Jeanne Cooper*

Memória entre raízes

Centro de Referência da Dança
São Paulo, 2018
Artista resident

Silva, "Memória entre raízes" se faz a partir do movimento involuntário: os sotaques do corpo.

Com música e direção musical de *Caravan Limão*, o *work-in-progress* não pode ser outra coisa além de uma coreografia-falésia, que vai mudando junto às singularidades corporais bebidas nas danças familiares da infância e nas técnicas europeias apreendidas ao longo da vida da intérprete.

A pesquisa sobre sotaque continua foco do trabalho das pesquisadoras atuais em dança.



Arte Situação Emergente

SESC CPF, São Paulo, 2017
Co-curadoria

Pensar o corpo enquanto suporte poético para a concepção do presente, elaborando sobre a hibridez dos processos criativos na arte contemporânea, a função social do artista, os limites do que hoje é considerado arte presencial, bem como a provocação de sua legitimidade, foram alicerces deste projeto.

Co-curei especificamente as artistas Lenna Bahule (Moçambique), Andreia Yonashiro (Brasil) e Marcelo Denny (Brasil), onde pudemos desenhar uma palestra-performance que contemplasse música, dança e teatro, unidos pelos fazeres do corpo, em busca de uma forma de expressão, dentro do espaço limitado do SESC CPF, que não comprimisse aos artistas, mas os evidenciasse, amplificando as potências de uma exibição de arte.





Digital Performance in Flesh and Bones

São Paulo, BR | Vancouver, CA, 2015
Performer e teórica

[Clique > vídeos](#)

Selecionada para apresentação no Internacional Symposium on Electronic Art (ISEA2015), esta performance trata da cultura popular familiar através da gestualidade cotidiana, colocando o freio, o funk e o samba - danças do cotidiano das performers - em meio a paisagem da cidade.

Apresentou-se uma crítica aos fenômenos de massa, por meio da história da criminalização de culturas populares, sua inserção na mídia e sua absorção acadêmica, convidando o público a pensar a realidade social, cultural e política envolvidas nessa dinâmica.

Além da exibição da performance, houve a apresentação de paper, com debate entre participantes do ISEA.





veja mais em:

ailasilva.com

vimeo.com/ailitaaa

[Lattes](#)

aila.silva77@gmail.com

11 99117-4275